



Por que estou aprendendo isso? Debate competitivo como prática pedagógica

Resumo: O presente artigo propõe reflexões acerca de práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito escolar com estudantes do ensino médio do Colégio Unifebe. Busca apresentar os benefícios do debate competitivo como uma poderosa ferramenta de transformações sociais e uma grande aliada no processo de ensino aprendizagem por meio do emprego do debate no contexto escolar. Além disso, discorre sobre concepções de ensino aprendizagem cujo eixo consiste no protagonismo dos estudantes, destacando teorias que refletem o processo de ensino com vistas à valorização da autonomia dos adolescentes. Por fim, atualiza uma série de evidências empíricas referentes à implementação e democratização da prática do debate competitivo em território nacional, fortalecendo a adoção deste como um expediente de construção da cidadania.

Guilherme Augusto Hilário Lopes^{1A}, Luiz Roberto Deschamps¹, Maiko Spiess¹ e Marcos Mattedi¹

1 - Fundação Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, BR

A - contato principal : gahlopes@furb.br

Introdução

O conhecimento é sem dúvidas um dos aspectos mais fascinantes da existência, pois graças a essa capacidade de conhecer podemos desbravar universos que, à primeira vista, seriam inatingíveis. Logo, atrelado à ação humana, o conhecimento possibilita a transformação do mundo no qual vivemos, ou seja, a nossa capacidade de adaptar, adequar e transformar o mundo à nossa maneira nos diferencia de outros seres. A intencionalidade, nesse caso, é a chave do processo, uma vez que agimos almejando finalidade e propósito pré-determinados com o fito de se atingir dado resultado. É por meio do conhecimento, da tradição, da transformação ou manutenção das crenças, dos valores e das práticas, que nós, humanos, afastamo-nos da animalidade e produzimos e partilhamos cultura (LOPES, 2016). Sob esse enfoque, à medida que conseguimos preservar nosso passado e instrumentalizamos nosso presente comprometendo-nos com o bem-estar dos que ainda estão por vir, o conhecimento se fortalece.

Existem vários desafios e dúvidas sobre o que esperar da educação e da escola neste século. Como ensinar para a transformação objetivando pavimentar o futuro, sem negar o passado? Como educar pessoas para uma sociedade mais justa, igualitária e ciente de suas responsabilidades, sem perder de vista o presente imediato e suas idiossincrasias? Essas perguntas só fazem sentido se levarmos em consideração cenários e estratégias eficazes para avançarmos nesta seara. Por um lado, um cenário de transformação de longo alcance demanda que se adotem mudanças estruturais como estratégia; decorre daí a necessidade de tempo para consolidar as alterações propostas. Geralmente, tais mudanças são graduais e, em geral, pouco perceptíveis, o que inibe a crítica desqualificada e tolhe a polêmica gratuita. Já as mudanças de médio e curto prazo, cuja repercussão produz muito mais ruído de comunicação, são mais fáceis de identificar devido ao seu caráter imediato.

Ademais, em tal contexto, o próprio cenário cambiante alinha-se à diversidade de estratégias disponíveis, tendo em vista que todo esse processo é muito mais dinâmico que o primeiro. Assim, constata-se que a diversidade provocada pelas transformações no curto e médio prazo – diversidade muito mais próxima do caos e da anarquia que da

hierarquia e da ordem – quase que inviabiliza a tarefa de constituirmos uma espécie tratado ou prontuário dedicado a sistematizar práticas recomendadas para a área abordada; no nosso caso, especificamente, tal objetivo equivaleria à publicação de um manual do debate aplicado. No entanto, sem permitir que a legítima pretensão descambe para a imodéstia petulante, reconhecemos, nas práticas pedagógicas por nós desenvolvidas ao longo de 2022, um conteúdo didático pautado por estratégias de curto e médio prazo merecedor de compartilhamento e discussão, apesar de estarmos cientes de que tais práticas ainda careçam de uniformidade ou padronização.

Parte dessas mudanças são perceptíveis durante o processo formativo. Tais escolhas são feitas em nível macro, meso e micro. No nível macro, evidenciamos o desenho das políticas de educação e seu processo de implementação, manutenção e avaliação, sobretudo na forma como os órgãos competentes conduzem as políticas da área educacional nas esferas federal, estadual e municipal. No nível meso, o foco está nas instituições de ensino, isto é, em como as escolas, faculdades e universidades irão se adequar para atender às demandas políticas e normativas, e o que tais instituições buscam ofertar aos seus estudantes no que tange a currículos e práticas exercidas dentro de cada uma dessas instituições. E por fim, no âmbito micro, manifestam-se as relações estabelecidas entre as esferas anteriores e estudantes, professores, equipes pedagógicas, direção e a comunidade local. Neste nível, a atuação é a mais visível, pois ela é direta, constante e pessoal; diferentemente dos níveis meso e macro, em que a atuação se caracteriza pelo distanciamento e pela impessoalidade, principalmente pela amplitude da escala.

Neste caso o presente relato busca partir de uma abordagem que contempla o nível micro. A educação vista por meio do seu processo como construção social coletiva considerando o protagonismo dos sujeitos vinculados ao desenvolvimento educativo. Quando particularizamos a expressão “educação efetiva”, o que temos em mente é aquela forma de educação em que os conteúdos são transmitidos e os educandos deles se apropriam para prestarem provas, vestibulares, concursos entre outras avaliações. Essa forma de pensar a educação não está equivocada, dada a sua importância para o presente imediato. Entretanto, muitas vezes é a metodologia assimilada pelo público em geral como “educação de sucesso”, pois gera resultado mais concreto e evidente, materializado nos futuros diplomas. Ainda assim, na maioria das vezes, esse processo de educação efetiva desconsidera os estudantes, os principais sujeitos do próprio processo, essencialmente no que diz respeito a suas aspirações. Some-se a isso que a adoção desse tipo de procedimento pedagógico não só inviabiliza a participação ativa do aluno na constituição do seu aprendizado, como também se lhes interdita a constituição e o desenvolvimento da própria inventividade (VOIGT SOUZA; SUHR, 2022).

Em virtude dessa abordagem, o aluno “bom” é aquele que passivamente internaliza – pouco importa se processa ou se decora – todo o conteúdo; em contrapartida, o aluno “problemático” é o questionador irrequieto que tanto questiona os conteúdos apresentados quanto a “autoridade constituída” dos educadores. Evidencia-se, dessa forma, um paradoxo recorrente: por um lado, uma concepção de educação bancária; por outro, uma educação libertária, como a descrita por Freire (1987) ainda no século passado.

O debate como um meio e como um fim

A prática do debate e da retórica remontam à antiguidade; já no Período Clássico encontramos grandes oradores situados tanto nas pólis gregas quanto nas cidades romanas. A arte da argumentação do discurso foi um grande legado dessas populações e de povos do



oriente (MACKENDRICK, 1961; VAN ELS; SABATTINI, 2012). Além desse legado ao mundo ocidental, podemos destacar a oralidade como mecanismo de perpetuação e preservação da cultura presente em diversos povos do continente africano. A exemplo, os *Griots*, guardiões da palavra e das memórias, os quais transmitiam oralmente suas memórias de uma geração a outra (HALE, 1998). Essa capacidade de comunicação não se restringia apenas à preservação das tradições consolidadas do passado, mas também oferecia novas perspectivas para que tais povos preservassem e refletissem sobre a própria história.

É durante o século XVIII, na Inglaterra, que temos notícias dos primeiros grupos de debate. Esses grupos compostos por intelectuais discutiam assuntos relacionados à moral e aos costumes passando por temas como política, sexualidade, educação, ciência etc. Por volta do século XIX, as primeiras associações e clubes de debates estavam vinculadas às universidades da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. As universidades de Cambridge, Oxford, Princeton e Yale exercerão um papel fundamental nesse processo, principalmente ao estimularem a criação dos Clubes de Debate e a prática do debate competitivo (BRUM, 2017). Desde então, tal modalidade de disputa tem se consolidado como atividade corrente, sobretudo nas universidades da Europa e dos Estados Unidos, as quais incorporaram o debate competitivo¹ como componente extracurricular na formação de seus acadêmicos (GOMES; LOPES; LOPES, 2022).

Em nosso país, o debate competitivo é uma atividade recente. A organização de debates competitivos no Brasil foi se estruturando inicialmente a partir do interesse dos acadêmicos dos cursos de Direito de diversas universidades, os quais, atualmente, organizam-se em clubes e promovem torneios entre universidades. Produto último dessas ações, o Instituto Brasileiro de Debates (IBD) foi criado com o propósito de divulgar e fortalecer a prática do debate competitivo em todo o território nacional não só no nível superior como também na educação básica (IBD, 2022). Como em todo jogo, o debate competitivo pressupõe que o participante tenha domínio das regras que regem a competição, da mesma forma que qualquer praticante de outro esporte deve conhecer as regras que regem tal competição para desenvolver suas habilidades com êxito.

Nesse viés, o debate competitivo pode ser considerado um esporte intelectual, à medida que exige dos debatedores preparo, dedicação e estudo (GOMES; LOPES; LOPES, 2022). De acordo com Parcher (1998), debatedores geralmente desenvolvem um conjunto de habilidades dentre as quais destacam-se: a habilidade de pesquisa, organização e estruturação do argumento; a comunicação oral e gestual, o exercício do pensamento crítico. Em virtude disso, percebe-se um desenvolvimento significativo nos aprendizes e educadores envolvidos com essas práticas pedagógicas, uma vez que o debate competitivo estimula uso do raciocínio lógico (SANCHEZ PIETRO, 2017), além de exigir um conhecimento vasto e aprofundado em várias áreas do conhecimento. Isso sucede porque uma moção – a proposição que serve de tópico a ser debatido entre as partes – pode abarcar diferentes aspectos da realidade, ou seja, pode versar sobre política, cultura pop, literatura, religião, meio ambiente, música ou arte. Desse modo, inúmeros assuntos podem pautar uma sessão de disputa entre os grupos.

Esse conjunto de fatores potencializa o aspecto lúdico do debate, pois a construção argumentativa, a leitura da realidade, a condução das ideias e a disputa em torno das moções

1 O termo debate competitivo está associado ao estilo WSDC, é uma forma estruturada de debate entre equipes de estudantes, onde defendem ou refutam afirmações sobre diferentes tópicos. Este tipo de prática promove habilidades como oratória, pensamento crítico, pesquisa, trabalho em equipe, respeito por diferentes perspectivas e gestão do tempo. Como ferramenta pedagógica, os debates incentivam o desenvolvimento de habilidades fundamentais para os alunos, promovendo comunicação, argumentação, pensamento crítico, trabalho em equipe e oferecendo uma base sólida para o sucesso acadêmico e profissional.



propostas suscita o ineditismo das grandes descobertas. Um debate nunca vai ser igual ao outro, pois mudam os jogadores, os temas e as posições de cada um dos participantes nas respectivas equipes. Por esse motivo, acreditamos que o debate deve ser compreendido como um meio e como um fim. Um meio de aprendermos pela observação, pela fala e pela interação; para que a aprendizagem não seja só efetiva, mas que também consiga ser propositiva, significativa. Que o educando ou debatedor aprenda a vencer, a perder, a reconhecer quando a sua capacidade argumentativa ficou aquém do que poderia ter sido. Que consiga, inclusive, ler o mundo de tal forma que extrapole o óbvio, que se conheça e se descubra durante o todo o processo.

Mas o debate como um fim também é uma forma de pensarmos práticas educativas que levem em consideração a interação e os anseios dos estudantes. Para o teórico humanista Carl Rogers (1985), o papel do professor é mediar e facilitar o processo, e não ser um mero transferidor de conhecimento. O caminho para a descoberta e a eficácia do processo de ensino e aprendizagem transcorrem por intermédio da prática sensível e significadora entre os envolvidos. Nesse sentido, a educação deve estar centrada no estudante, na experiência vivenciada pelo educando, de forma que o conhecimento, assimilado conscientemente, passe a ser parte integrativa da constituição deste indivíduo (ROGERS, 1987). Consequentemente, o debate consiste em um fim em si, “(...) porque fora do debate não existe espaço para a construção de caminhos”, (LOPES, 2022, p. 12); e na ausência do diálogo, o que impera é a selvageria, a ignorância e o obscurantismo.

Práticas de debate no Colégio Unifebe

O Colégio Universitário UNIFEBE, mantido pela Fundação Educacional de Brusque, tem como premissa a busca pela excelência no ensino, e sua proposta pedagógica foi elaborada de forma coletiva com o objetivo de aprimorar a qualidade educacional oferecida. Desde o início de 2017, o desafio de pensar a proposta pedagógica e administrativa da instituição tem sido constante, buscando atender às necessidades da comunidade local e regional. Situado na cidade de Brusque, Santa Catarina, o Colégio Universitário UNIFEBE é uma instituição pública de direito privado, integrante do Sistema Estadual de Ensino do estado. Iniciando suas atividades no primeiro semestre de 2019, a escola oferece cursos de Ensino Médio na modalidade regular. Sua comunidade escolar é composta por alunos da região e arredores, provenientes de diversas atividades profissionais, religiões e condições socioeconômicas (FEBE, 2022).

O Colégio Universitário UNIFEBE busca uma educação inovadora, pautada no respeito, transmissão e construção do conhecimento, visando a formação integral dos alunos e o desenvolvimento de uma sociedade consciente e sustentável. Atendendo às expectativas da comunidade escolar, prepara estudantes para o Ensino Superior e participação ativa e responsável na sociedade. Com princípios filosófico-pedagógicos sólidos, atua como mediador nas necessidades comunitárias, buscando integração participativa e democrática com a comunidade. Valoriza o desenvolvimento humano, cultural e ético dos alunos, promovendo aprendizagem de valores e conhecimentos por estimulação frequente. O Colégio UNIFEBE tem um olhar voltado para a transformação da realidade social, formando cidadãos críticos, responsáveis e conscientes de seu papel na construção de um mundo melhor (FEBE, 2022).

Durante o ano de 2022, o Colégio Unifebe explorou novas possibilidades didático-pedagógicas, especialmente com o advento da matriz curricular do Novo Ensino Médio, repleta de itinerários formativos, trilhas de aprofundamento e outros projetos, além da oferta

de disciplinas eletivas. Nesse contexto, com o ingresso de novos estudantes que passaram a compor as turmas de 1º ano A e B em nosso colégio, esse foi um ano com muitos desafios, aprendizados e descobertas, dentre as quais se pode destacar o surgimento do Clube de Debates UNIFEDE como uma atividade extracurricular diferenciada basicamente por ser um momento no qual, em vez de ficar quieto, o aluno deveria se exprimir. Circunscrito ao turno vespertino, restrito aos encontros semanais que perfaziam duas aulas ofertadas aos alunos do 1º ano, o Clube, de início, despertou uma curiosidade que infelizmente não se materializou no engajamento efetivo por parte das turmas de primeiranistas.

Os encontros eram coordenados pelo professor Luiz Roberto Deschamps, da área de Língua Portuguesa. O trabalho também contava com o suporte do professor Guilherme Augusto Hilário Lopes, das áreas de História e Sociologia. Por último, mas não menos importante, nos estágios iniciais, todo o projeto contou com o auxílio primoroso de Clarissa Dias Rodrigues Andrade, uma pessoa fundamental por acreditar, inspirar e estimular a cultura do debate competitivo no âmbito escolar.

A participação ativa de Clarissa durante o Ensino Médio em outra escola da cidade foi fundamental para perceber o impacto extraordinário da participação dos alunos no desenvolvimento do Clube. Atualmente, ela está cursando Economia na *Williams College*, em Massachusetts, nos Estados Unidos, uma instituição reconhecida como a principal universidade de Artes Liberais do país.

Nesse contexto, três fatores se mostraram determinantes nessa dinâmica de implementação de uma didática inovadora: primeiro, Clarissa era uma estudante falando para seus iguais; segundo, Clarissa era um exemplo vivo e atuante da importância da apreensão daquele saber. O terceiro fator, talvez o mais primordial, consistia em que a ex-aluna de ensino médio também ilustrava o caráter imprescindível e inadiável de se abrir espaço, no processo pedagógico em curso, para que a ele se integrasse a inventividade dos estudantes como recurso basilar. Talvez neste último fator se explicitasse de forma mais flagrante a indigência da atual “educação efetiva”, conforme os moldes definidos anteriormente.

Clarissa foi uma das pioneiras no processo de expansão do debate competitivo em Santa Catarina sendo a responsável pela criação da primeira sociedade de debates em uma escola no sul do Brasil. Nesse sentido, como embaixadora do Instituto Brasileiro de Debates atua na democratização da prática em instituições da região, tendo auxiliado na formação do clube de debates do Colégio Unifebe. Além disso, Clarissa é considerada uma das melhores debatedoras do país. Hoje, a menina carrega o título de melhor debatedor do Brasil, é a única mulher a ser tricampeã de debates escolares, e assumiu o cargo de capitã da Seleção Brasileira de Debates no Campeonato Mundial de Debates em 2022 (IBD, 2022).

Ela esteve presente em nossa escola diversas vezes para falar sobre sua experiência como debatedora e destacar a importância e os benefícios do debate na educação (ANDRADE; MACHADO, 2022; ANDRADE, 2022), além de ajudar na construção do Clube de Debates UNIFEDE e compartilhar seus conhecimentos em nossa comunidade escolar sempre de maneira muito solícita. Foi na esteira dessa euforia e entusiasmo que esbarramos nas primeiras dificuldades ao tentarmos implementar algo inédito na educação de nível médio em Santa Catarina e, quiçá, no Brasil.

O primeiro obstáculo visível era conciliar as atividades do Clube com outras atividades concomitantes que ocorriam no colégio. Vários alunos tinham interesse em participar, inclusive estudantes de outras turmas que não eram contempladas pela Nova Matriz Curricular; no entanto, não conseguiam devido à obrigatoriedade de participação em outras aulas ou atividades específicas. O segundo obstáculo, muito mais complexo, traduzia-se pela preocupação com a nota: como superar a mentalidade restrita que caracterizava a educação

efetiva, e erradicar a noção de que o aprendizado unicamente pode ser mensurado de uma maneira objetiva e mesmo taxativa. E as subjetividades que se desenvolvem ao longo do processo educativo? E o processo de constituição da inventividade do aluno? E a constituição da sua individualidade? Como avaliar esse conjunto tão complexo? Retoma-se, desse modo, característica já apontada por Paulo Freire (1987), de uma educação instrumental mediada apenas pelo resultado imediato.

É extremamente difícil romper paradigmas no processo formativo se nos mantivermos presos à monotonia e ao pensamento limítrofe frequentemente evidenciado em nosso cotidiano. O debate enquanto prática certamente pode servir para o cômputo de notas, entretanto, tal prática não deve ser restrita apenas a esta finalidade; é preciso que se considere essa prática em sua integralidade, que se explore toda a riqueza desse processo de aprendizado; principalmente para que ele não se torne simplesmente mais uma atividade que sirva somente para preencher o vazio que notas representam no boletim escolar, mas que seja pensado como um meio para a formação integrativa do sujeito.

Como bem nos lembra Ana Alice Kohler (2022), outra destacada ex-aluna do ensino médio, atualmente estudante do curso de Estudos Literários na UNICAMP, o debate escolar atua de diferentes maneiras na formação do indivíduo. Dentre elas, cabe destacar: a prática do debate como competição saudável; o debate como meio de socialização; o debate no desenvolvimento da empatia e na promoção do senso de liderança; o debate como atividade recreativa e de integração; o estímulo à leitura e à escrita; o desenvolvimento da retórica; o desenvolvimento da lógica e o crescimento pessoal. Todas essas habilidades podem ser alcançadas se partimos da premissa de que a educação evidencia um processo constante de criar, recriar, avaliar, reavaliar, retomar, e que muito provavelmente ao aferirmos a nota ou o conceito para um estudante no encerramento de uma atividade, reforçamos uma concepção ilusória e segmentada presente na educação, de que dado exercício só é útil ou válido quando recompensado com nota. Em decorrência desse tipo de abordagem, muitas vezes se despreza o que há de mais fascinante na educação, ou seja, deprecia-se o processo em si, dinâmico, em detrimento do resultado, estático.

Constantemente se perde todo o encanto do percurso que perfaz o processo. Toda subjetividade e singularidade presentes em cada momento no qual cada indivíduo se capacita a descortinar o próprio caminho rumo ao conhecimento. Existem experiências, habilidades, capacidades e momentos que não cabem num conceito ou nota atribuída. São ocasiões cuja natureza é incomensurável simplesmente porque não permanecem estáticas, como num quadro de fotografia, mas se apresentam em constante movimento, mais ou menos como evidenciamos nos filmes. Talvez até fosse pertinente o questionamento: “Mas filmes são feitos a partir de uma sequência de quadros, não são?” Correto! Mas, o quadro é um pequeno recorte que apresenta muitas informações, ao mesmo tempo que ignora tantas outras, tão relevantes quanto aquilo que ele expõe. Assim como conceitos e notas, que muitas vezes mais mascaram do que revelam.

Tendo em vista as particularidades acima referidas, retomemos nossa digressão acerca de uma tarefa árdua ao extremo: tentar subverter a ideia da prática do debate competitivo apenas como um meio de obtenção de nota por parte dos estudantes. Ainda assim, cabe realçar que, para alguns alunos de nossas turmas de 1º ano, a participação no Clube só faria sentido mediante a nota; para esses, especificamente, informamos que sentimos muito.

Não somente pela percepção limítrofe que desenvolveram sobre aprendizado e educação, mas, acima de tudo pela nossa triste constatação de que tais estudantes já internalizaram a noção reducionista de que a “escola boa” é aquela na qual se estuda em virtude das notas conquistadas em provas e em concursos de vestibular. Diversamente do ensino voltado a



esses objetivos, o complexo exercício do debate é para a vida; e quem se deu conta disso foram justamente os alunos do 2º ano, que não tinham como participar do Clube da UNIFEFE, por conta do conflito de horários entre as disciplinas obrigatórias e os encontros do Clube. Nesse ínterim, partiu dos estudantes das turmas do 2º ano A e B a iniciativa de solicitarem a prática do debate durante as aulas, e assim foi feito. No início, uma espécie de atividade transdisciplinar para o segundo trimestre, envolvendo as disciplinas de História, Sociologia, Literatura e Redação.

Na primeira etapa do processo, apresentaram-se as regras e a estrutura do debate competitivo, bem como foram definidas as equipes e temas que seriam debatidos. Nesse momento, tratava-se de explicitar regras e procedimentos que garantissem um bom desdobramento das disputas; aspectos como qual a função de cada um dentro do debate, como conduzir o debate da melhor forma, como utilizar da retórica e da capacidade argumentativa para obter êxito no debate e outros mais foram esclarecidos. O uso de recursos como leitura e discussão de textos argumentativos, debates envolvendo temas polêmicos próximos da realidade dos estudantes e da escola na qual eles estudavam, e até mesmo diversos vídeos com trechos de concursos de debates nacionais serviram de base para o reconhecimento do potencial dessa prática na vida cotidiana.

Ademais, saliente-se que a partir do momento em que o estudante se apercebe da importância de um saber tão significativo, ele mesmo toma a iniciativa de se engajar à evolução do aprendizado. Eis, neste último período, um detalhe extremamente relevante no transcurso de nosso aprendizado: o aluno se engaja ao estudo desde que seja persuadido da eficácia desse estudo. Ora, constata-se que um dos grandes problemas da educação atual consiste na ausência de uma justificativa categórica para a maior parte do processo pedagógico, dilema ilustrado pela eterna pergunta dos discentes na atualidade: “Por que estou aprendendo isso?”. Contudo, à medida que o aprendiz dos debates se percebe diante do potencial representado pela retórica, tal questionamento perde completamente o sentido, e a argumentação – e a capacidade argumentativa – aflora em todas as suas potencialidades. Enfim, em tais circunstâncias, revela-se um dos maiores dilemas da pedagogia atual em geral: a falta de argumentação consistente diante de perguntas “incômodas” por parte dos estudantes prejudica o engajamento do aluno no processo do estudo, quando não inviabiliza o engajamento.

Para essa primeira experiência, dividimos cada turma em 4 grupos aos quais foram ministradas duas moções; divididos em duplas, esses grupos deveriam debater entre si de acordo com as regras pré-estabelecidas. O tema das moções foi apresentado aos grupos previamente, e nesta mesma ocasião, os participantes de cada grupo ficaram sabendo qual posição desempenhariam no debate. Também foram determinadas as abordagens das moções pelos grupos em disputa: quem fosse debater pelo governo, deveria defender a moção proposta; já quem fosse oposição, deveria rebater as assertivas da equipe do governo.

Para a nossa surpresa, desde a primeira rodada de debates a disputa foi intensa e arrebatadora, como apresenta a figura 1. Primeiro, porque alguns alunos abraçaram profundamente as dinâmicas propostas; segundo, porque, no decorrer do certame, ficou claro quem realmente se preparou e estudou para expor suas ideias e, à frente de várias pessoas, mostrou-se apto a resistir à confrontação.

Figura 1 – Primeiro debate com estudantes do 2º ano



Fonte: Célio Bruns (2022a).

Como esta tinha sido a primeira experiência, houve algumas interferências por parte dos professores para corrigir e dar algumas dicas não só aos oradores como também aos próprios colegas de equipe. Nesse sentido, tais tópicos comumente instruíam sobre a forma como os integrantes que não estivessem na tribuna poderiam contribuir com o colega que estivesse discursando ou, de forma diversa, como os integrantes da equipe contrária poderiam atacar os argumentos propostos. Essa etapa serviu como uma espécie de ensaio ou teste que impulsionou e provocou os estudantes ainda mais, pois agora já não se tratava de debater, exclusivamente, mas sim de se provar o quão bom cada um era debatendo. Em virtude de todo esse empenho, optou-se por realizar uma nova rodada de debates em que as equipes que venceram e as que foram vencidas de cada uma das turmas debateriam umas contra as outras.

Depois de mais duas rodadas de debate, realizou-se uma grande final entre duas equipes, cada qual representando uma turma. Nesta fase, os estudantes já dominavam a tribuna e apresentavam boa desenvoltura na defesa dos temas propostos. O principal objetivo era oferecer aos estudantes a experiência real de um torneio de debates, diante de um público muito mais numeroso e diverso dos “conhecidos” rostos da mesma sala. Isso foi possível graças ao traquejo que os finalistas adquiriram com a superação das diversas etapas das quais saíram vitoriosos. À medida que as equipes se preparavam para grande final, era perceptível a entrega e a dedicação quanto aos estudos e às estratégias que cada grupo buscava criar para vencer seus adversários. Essa caminhada culminou na grande final que recebeu o nome de 1º Eloquência – Debates Escolares, promovido pelo Colégio Unifebe e aberto a toda comunidade, como apresentado na figura 2 e 3.



Figura 2 – A grande final do 1º Eloquência Debates Escolares



Fonte: Célio Bruns (2022b).

A experiência do debate se mostrou extremamente benéfica, como observa o jornalista Célio Bruns Junior (2002b, *online*), em relato colhidos de uma das finalistas do debate e de uma das juradas presentes na ocasião:

A aluna Manuela Marina Ferreira, participante da equipe vencedora, afirma que o debate possibilita que os alunos explorem diferentes pontos de vista sobre diversos temas. ‘Essas atividades fazem com que a gente desenvolva competências e já estou ansiosa pelo próximo campeonato’, afirma. Uma das avaliadoras do debate foi a capitã da Seleção Brasileira de Debates, Clarissa Dias. Campeã nacional e considerada uma das melhores debatedoras do país, a jovem estudante considera que ambas as turmas tiveram um excelente desempenho e mostraram grande dedicação ao tema proposto. “Todos tiveram uma ótima retórica e oratória. A equipe campeã se destacou, especialmente, na refutação das ideias da outra bancada e na construção de seus ótimos argumentos. A realização do primeiro torneio de debates escolar do estado é um grande marco. A experiência tornou possível que mais alunos e professores conhecessem o esporte e se interessassem por ele”, elogia Clarissa.

Figura 3 – Certificação dos participantes e banca de jurados da grande final



Fonte: Célio Bruns (2022b).

Ficou patente para os estudantes, familiares e a comunidade escolar que é possível sim desenvolver práticas educativas significativas. Principalmente quando essa prática leva em consideração o anseio dos educandos. Todo esse movimento e engajamento foi fruto de uma espécie de “inveja criativa”, no bom sentido dos alunos de 2º ano que não conseguiam participar do Clube de Debates por conta dos conflitos de horários, e, por esse motivo, mobilizaram-se e criaram meios para poderem debater e se fazer ouvir. Outro efeito colateral benéfico de toda essa atividade ocorreu após a repercussão do nosso evento: com todo o clima que se criou no colégio, não demorou para os estudantes do primeiro ano, que não participaram do concurso, demonstrassem súbito interesse pelo aprendizado das artes retóricas, cativados pela relevância do universo dos debates, mais que tudo, por se tratar de uma atividade extraordinária na qual a educação está centrada no educando, o que rompe com a prática tradicional de ensino e aprendizagem.

Considerações finais

Ainda que possa parecer uma atividade pontual e só mais uma vírgula na trajetória escolar dos estudantes envolvidos, foi possível notar a mudança de postura dos estudantes. Isso ficou evidenciado no modo como eles passaram a emitir suas opiniões e defender seus pontos de vista, considerando outras perspectivas. Podemos dizer que dos tímidos aos “descolados”, dos alunos mais aplicados àqueles mais dispersos, todos foram afetados pela descoberta de um novo saber essencial. Inclua-se nesse grupo, a equipe de educadores que reconheceu a riqueza da vivência constituída por meio de tais práticas pedagógicas. E isso tudo ocorreu em meio às peculiaridades atípicas do ano de 2022, que iam da implacável Guerra da Ucrânia à Copa do Mundo extemporânea, tudo permeado pela fase pós-pandemia.

Não obstante as questões de âmbito nacional e internacional, tínhamos ainda questões de ordem local, já que o clima de divisão flagrante em toda a sociedade brasileira devido às diferentes posições políticas e ideológicas postas para as eleições presidenciais, não só se mimetizaram na esfera estadual, como se agudizaram excepcionalmente no contexto municipal.

Percebam que os eventos arrolados até o momento descrevem um mundo real, um mundo repleto de contradições, possibilidades, potencialidades, um lugar para se admirar, reverenciar e ao mesmo tempo temer, por conta das convulsões e colapsos aos quais está sujeita a sociedade contemporânea. É aqui neste espaço/tempo, neste país, nesta cidade e neste colégio que buscamos, ainda que de maneira pontual, pensar em estratégias significativas para o processo de ensino aprendizagem. Não somente para formá-los enquanto estudantes, mas para provocar a curiosidade, o espanto, a dúvida; para estimulá-los à busca incessante do conhecimento prático, aplicável às suas realidades mais cotidianas. Acreditamos que não existam um manual e uma receita prontos, e que talvez o caminho seja este mesmo: tentativa, fracasso, insistência, perseverança, tropeço e, depois de muito esforço, o sucesso, um sucesso incompleto, especialmente por se tratar de um processo de crescimento contínuo e, quiçá infinito.

Sob outra perspectiva, contudo, é gratificante perceber como os conhecimentos adquiridos pelos estudantes foram fundamentais em seu cotidiano mais próximo. Isso é evidente na postura dos estudantes na relação estabelecida entre seus pares na escola. Além da mudança de postura, a rivalidade e a disputa entre as turmas ganharam outros contornos durante a campanha para a eleição do Grêmio Estudantil. No ano de 2022, as duas chapas que concorriam ao Grêmio contavam com a composição de estudantes das duas turmas de 2º ano que participaram do nosso 1º concurso, e os pleiteantes fizeram uma campanha muito



bonita e acirrada; dias antes das eleições escolares, puderam expor suas propostas e ideias para a comunidade escolar num formato muito parecido com o dos debates presidenciais que eram apresentados pelas grandes emissoras e grupos de comunicação.

A maturidade, o comprometimento, a cumplicidade, a competitividade, o entusiasmo, a entrega e o envolvimento dos estudantes com o Clube de Debates certamente fizeram toda a diferença no processo. Provavelmente, essa combinação de fatores somada ao apoio e à confiança da direção e da equipe pedagógica da escola tenham possibilitado resultados tão positivos, além de terem contagiado todo o ambiente escolar e suscitado em nossos alunos o interesse pelo debate competitivo não só como um esporte, mas como uma ferramenta útil que podemos empregar em nossas vidas, ao identificarmos que é possível, por meio do diálogo, diluir tensão, encontrar consenso e buscar caminhos convergentes para resolução dos problemas que existem e dos que ainda estão por vir.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. R. O melhor candidato é o debate: O debate como influenciador direto para o sucesso de democracias. *In*: LOPES, G. A. H. (Org.). **O debate é preciso: reflexões acerca do debate**. 1ed. Brusque/SC: UNIFEFE, 2022, v. 1, p. 89-114. Disponível em: <http://bit.ly/3QeY0CR>. Acesso em: 29 jun. 2022.

ANDRADE, C. D. R.; MACHADO, M. O debate como um esporte: Entendendo as regras do jogo. *In*: LOPES, G. A. H. (Org.) **O debate é preciso: reflexões acerca do debate**. 1ed. Brusque/SC: UNIFEFE, 2022, v. 1, p. 53-71. Disponível em: <http://bit.ly/3QeY0CR>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BRUM, M. Torneios de debates ganham força entre estudantes brasileiros. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27. jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3jwGlGF>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRUNS JUNIOR, C. “Cultura de debates integrada às disciplinas é ferramenta de ensino-aprendizagem no Colégio Unifebe”. **Colégio Unifebe**, Notícias 09. mai. 2022a. Disponível em: <http://bit.ly/3XwnRs7>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRUNS JUNIOR, C. Colégio Unifebe realiza o primeiro campeonato de debates escolar do estado. **Unifebe**, Notícias 06 jul. 2022b. Disponível em: <http://bit.ly/3ZAwKmj>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FEFE - Fundação Educacional de Brusque. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Universitário UNIFEFE**. Brusque: UNIFEFE, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, 21).

GOMES, V. S.; LOPES, G. A. H.; LOPES, T. G. P. Que história é essa de debate?. *In*: LOPES, G. A. H. (Org.). **O debate é preciso: reflexões acerca do debate**. 1ed. Brusque/SC: UNIFEFE, 2022, v. 1, p. 15-28. Disponível em: <http://bit.ly/3QeY0CR>. Acesso em: 21 mai. 2023.

HALE, T. A. **Griots and griottes: masters of words and music**. Bloomington: Indiana University Press, 1998.



IBD – Instituto Brasileiro de Debates. Conheça a Seleção Nacional de Debates Escolares - Time Brasil WSDC 2022. **Blog Instituto Brasileiro de Debates**. 30. jul. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3ZCieL9>. Acesso em: 08 jan. 2023.

KOHLER, A. A. Debate? Presente!: Os benefícios do debate no ambiente escolar. In: LOPES, G. A. H. (Org.). **O debate é preciso: reflexões acerca do debate**. 1ed. Brusque/SC: UNIFEBE, 2022, v. 1, p. 73-87. Disponível em: <http://bit.ly/3QeY0CR>. Acesso em: 28 mar. 2023.

LOPES, G. A. H. Introdução. In: LOPES, G. A. H. (Org.). **O debate é preciso: reflexões acerca do debate**. 1ed. Brusque/SC: UNIFEBE, 2022, v. 1, p. 11-14. Disponível em: <http://bit.ly/3QeY0CR>. Acesso em: 21 jun. 2023.

LOPES, G. A. H. **Os músicos da noite Blumenauense: um estudo de caso**. 2016. 103 f. (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Ciências Sociais). Blumenau: FURB, 2016. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/MO/2016/361930_1_1.pdf. Acesso em: 19 mar. 2023.

MACKENDRICK, P. The classical origins of debate. **Central States Speech Journal**, v. 12, n. 1, p. 16–20, jan. 1961. <https://doi.org/10.1080/10510976009362569>

PARCHER, J. The value of debate. **Report of the Philodemic Debate Society**. Washington: Georgetown University, 1998. Disponível em: <https://pbcfl.net/wp-content/uploads/Article-The-Value-of-Debate.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SANCHEZ PRIETO, G. A. El debate competitivo en el aula como técnica de aprendizaje cooperativo en la enseñanza de la asignatura de recursos humanos. **Aula: revista de pedagogía de la Universidad de Salamanca**, 2017. <https://doi.org/10.14201/aula201723303318>

VAN ELS, P.; SABATTINI, E. Introduction: Political Rhetoric in Early China. **Extrême-Orient Extrême-Occident**, n. 34, p. 5-14, 2012. <https://doi.org/10.4000/extrêmeorient.247>

VOIGT SOUZA, E.; SUHR, I. Aprendizagem Cooperativa: aproximações e distanciamentos em relação ao pensamento de Paulo Freire. **Metodologias e Aprendizado**, [S. l.], v. 5, p. 158–167, 2022. <https://doi.org/10.21166/metapre.v5i.2735>